

O Baile dos Celibatários



Universidade Federal de São Paulo

Reitor Nelson Sass

Vice-reitora Raiane Patrícia Severino Assumpção



Editora Unifesp

Diretora Cynthia Andersen Sarti

Conselho Editorial Cynthia Andersen Sarti (presidente)

André Medina Carone

Bruno Feitler

Esther Solano

Francisco Foot Hardman

Gabriel Cohn

José Castilho Marques Neto

Leticia Squeff

Mauro Aquiles La Scalea

Paulo Schor

Valéria Petri



Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo

Diretora Presidente Maria José da Silva Fernandes

Conselho de Administração José Leovigildo de Melo Coelho Filho

Flávio Tayra

Superintendente de Publicações Cynthia Andersen Sarti



O Baile dos Celibatários

*Crise da sociedade
camponesa no Béarn*

PIERRE BOURDIEU

Tradução, apresentação e notas
CAROLINA PULICI



Copyright © 2021 by Editora Unifesp

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aides à la publication de l'Institut Français.
Este livro contou com o apoio à publicação do Institut Français.



INSTITUT
FRANÇAIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bourdieu, Pierre, 1930-2002

O baile dos celibatários : crise da sociedade camponesa no Béarn / Pierre Bourdieu ; tradução, apresentação e notas Carolina Pulici. – São Paulo : Editora Unifesp, 2021.

ISBN 978-65-5632-114-1

1. Pessoas sozinhas – Béarn (França). 2. Sociologia rural – Béarn (França). 3. Camponeses – Béarn (França). 1. Pulici, Carolina. II. Título.

CDD 307.720944

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Editora associada à  Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Direitos em língua portuguesa reservados à

Editora Unifesp

Universidade Federal de São Paulo

Rua Sena Madureira, 1500 – 5ª andar

Vila Clementino – São Paulo – sp – 04021-001

(11) 5576-4848 ramal 8393

www.editoraunifesp.com.br



@EditoraUnifesp



@EditoraUnifesp



@editoraunifesp

Impresso no Brasil 2021

Foi feito o depósito legal

Sumário

Apresentação – A derrocada simbólica da terra natal – <i>Carolina Pulici</i>	7
Introdução	21
PRIMEIRA PARTE – CELIBATO E CONDIÇÃO CAMPONESA	27
1. O SISTEMA DAS TROCAS MATRIMONIAIS NA SOCIEDADE DE ANTIGAMENTE	31
2. CONTRADIÇÕES INTERNAS E ANOMIA	61
3. A OPOSIÇÃO ENTRE O BURGO E AS ALDEIAS	89
4. O CAMPONÊS E O SEU CORPO	109
CONCLUSÃO	125
APÊNDICE I – Notas bibliográficas	129
APÊNDICE II – Evolução da população entre 1836 e 1954	143
APÊNDICE III – Diálogo entre um habitante do vilarejo e um celibatário	147
APÊNDICE IV – Outro diálogo entre um habitante do vilarejo e um camponês	153
APÊNDICE V – A história exemplar de um filho cadete de família modesta	155
APÊNDICE VI – Autoridade excessiva da mãe e celibato	159
APÊNDICE VII – Uma tentativa de generalização: o celibato em dezesseis cantões rurais da Bretanha	163

SEGUNDA PARTE – AS ESTRATÉGIAS MATRIMONIAIS NO SISTEMA DAS ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO	173
---	-----

TERCEIRA PARTE – REPRODUÇÃO PROIBIDA: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA DOMINAÇÃO ECONÔMICA	211
--	-----

1. <i>ADDENDA ET CORRIGENDA</i>	215
2. “DO MUNDO FECHADO AO UNIVERSO INFINITO”	221
3. A UNIFICAÇÃO DO MERCADO MATRIMONIAL	229
4. “OPINIÕES SADIAS DO POVO”	241

Anexo	243
-------	-----

<i>Post scriptum</i> – Uma classe objeto	247
--	-----

Índice remissivo	257
------------------	-----

Índice onomástico	261
-------------------	-----

Apresentação

A derrocada simbólica da terra natal*

*Carolina Pulici***

Nas muitas ocasiões em que evocou a história da pesquisa que deu origem a este livro que o leitor brasileiro tem agora em mãos, Pierre Bourdieu sempre apresentou seus três artigos sucessivos (1962, 1972 e 1989) sobre a crise da sociedade camponesa no Béarn, sua terra natal, situada no sudoeste francês, como “uma espécie de *Bildungsroman* intelectual”. Essa sua primeira investigação sobre “os sofrimentos e os dramas ligados às relações entre os sexos” aparece, em seus depoimentos, não apenas como a “ascese de caráter iniciático” detonadora da “conversão” que o conduziu da filosofia à etnologia e, finalmente, à sociologia, mas também como o trabalho de formação que lançou as bases de muitos dos principais desdobramentos posteriores de sua obra, em especial os vinculados às noções de *habitus*, de estratégia e de dominação simbólica.

No início dos anos 1960, quando a maior parte dos etnólogos europeus permanecia vidrada nos “povos exóticos” e a etnografia das sociedades do Velho Mundo mal existia, Bourdieu voltava-se à derrocada de sua própria tradição cultural a braços com os processos de urbanização e de construção da identidade nacional francesa. Tendo insistido, ao longo de toda a sua

* Esta tradução deve muito às discussões que pude ter com Marcos Nobre, que me acompanhou do começo ao fim, e à ajuda generosa de Julien Duval, principalmente, e de Yves Cohen, Pablo Katz, Graziela Perosa, Sophie Noël, Heloisa Pontes e Paulo Garcez. Agradeço também à Cynthia Sarti, pela confiança e pelo apoio.

** Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), autora de *Entre Sociólogos* (Edusp, 2008) e coorganizadora de *As Lógicas Sociais do Gosto* (Editora Unifesp, 2019).

obra, que a dominação estatal não se revela apenas no monopólio da violência física legítima, como demonstrou Weber, mas no monopólio da violência simbólica legítima – que faz com que uma língua e uma cultura particular se tornem a língua e a cultura socialmente autorizadas, ou seja, capazes de distinguir positivamente os que delas estiverem mais próximos e de depreciar todos os outros modos de existir –, Bourdieu viu no cenário familiar de origem uma sociedade propícia ao teste de seu argumento, uma vez que essa região a noroeste dos Pireneus logrou conservar, por mais tempo do que no restante do território francês nivelado pelo Código Napoleônico, as práticas sancionadas pelo direito consuetudinário e também a língua vernacular, como não negam as diversas entrevistas realizadas em idioma bearnês, cujos termos, expressões e ditados mais expressivos são transcritos do começo ao fim do livro.

Mas se o exame do mundo de origem faz de *O Baile dos Celibatários* o seu “*Tristes Trópicos* às avessas”, como ele repetiu tantas vezes, também é possível ver nesse que foi um de seus primeiros trabalhos de campo – ao lado daqueles realizados na Argélia durante o serviço militar, em pleno período de guerra de libertação nacional – uma refutação convincente da figura caricatural do “teórico da reprodução” tantas vezes atribuída a ele¹.

Com efeito, os processos de transformação social são onipresentes nessa abordagem de um mundo que se desfazia, subjugado por princípios de hierarquização inconciliáveis. Publicado em março de 2002, dois meses depois do falecimento do autor, o livro trata dos conflitos advindos da penetração dos modos “civilizados” de comportamento na sociedade bearnesa do século xx, em decorrência da consolidação dos processos de integração estatal que generalizaram não apenas a economia de mercado, mas também o ideal de estilo de vida parisiense que lançou ao descrédito as maneiras viris outrora valorizadas (e mesmo exigidas) dos camponeses, lançando-os a um celibato compulsório. O estudo do impacto das novas formas de comportamento em áreas cujos usos corporais eram conciliados com os valores da civilização rural fez-se por meio do enfoque dessas regiões longínquas do ponto de vista

1. Ver, a esse respeito, L. Wacquant, “Seguindo Bourdieu no campo”, *Revista de Sociologia Política*, n. 26, 2006, pp. 13-29.

de sua subordinação às mudanças que atingiam a sociedade nacional mais ampla, afastando-se do sincronismo a-histórico dos antropólogos funcionalistas e estruturalistas mais comumente dedicados a esses objetos e, nos anos 1950/1960, mais propensos a pesquisar especialmente os fatores que garantiam a estabilidade e não a desmoralização de tais sistemas sociais.

A pesquisa tem início com a pergunta: como resolver o enigma social que constitui o celibato dos primogênitos numa sociedade conhecida pela adesão ardorosa ao direito de primogenitura? As estatísticas que correlacionavam o celibato e a permanência na terra evidenciavam o efeito das transformações globais no espaço social e, mais precisamente, a unificação do mercado de bens simbólicos e seu impacto diferencial sobre os diferentes agentes, segundo sua ligação objetiva e subjetiva ao antigo modo de existência camponês. O levantamento exaustivo de dados qualitativos e quantitativos – partido metodológico jamais abandonado nos trabalhos posteriores do autor – mostrava que as mulheres tinham mais chances de partir para as cidades do que os homens e que, entre estes, as possibilidades de permanecer nas aldeias isoladas cresciam com o tamanho do patrimônio e, também, de acordo com a posição de nascimento, uma vez que a probabilidade estatística de emigrar era sensivelmente menor entre os primogênitos.

O baile do vilarejo natal de Bourdieu, repleto de senhores de idade celibatários, juntamente com a impiedosa expressão “incassáveis”, empregada por um de seus antigos colegas de escola ao lhe mostrar uma foto de sua turma, para se referir a quase metade dos presentes, apontava para um universo agonizante e fornecia, assim, ao autor a intuição de estar lidando com um fato social significativo, qual seja, a realização concreta e sensível do mercado de bens simbólicos que, ao unificar-se em escala nacional, condenou a uma brusca e brutal desvalorização aqueles que estavam ligados ao antigo mercado protegido das trocas matrimoniais controladas pelas famílias, isto é, os filhos mais velhos de núcleos familiares importantes que, de “bons partidos”, passaram a ser vistos como repulsivos e, conseqüentemente, excluídos do direito à reprodução.

Enquanto modo de instauração das relações que conduzem ao casamento, o contato direto no baile opõe-se ao antigo regime matrimonial baseado na negociação entre as famílias, no qual a apreciação do pretendente

se operava segundo as categorias de percepção propriamente camponesas. No universo de dirigismo matrimonial de outrora, a restrição da liberdade por meio da intervenção das famílias tinha a contrapartida positiva de salvar a virtudes camponesas, já que era possível ser caipira, rústico e desajeitado sem perder todas as oportunidades de se casar. Mas, numa sociedade cada vez mais aberta ao campo nacional, a dependência das trocas matrimoniais com relação à economia decresce – ou muda de forma: em lugar da situação na hierarquia social definida por um patrimônio fundiário, é muito mais a posição social e o estilo de vida correlativo que aparecem ligados às chances de casamento. Um sistema de trocas matrimoniais dominado pela regra coletiva é substituído por um sistema regido pela lógica da competição individual, no qual o casamento com um camponês é desvalorizado. Ele não dispõe dos modelos gestuais e verbais que facilitariam o diálogo, tendo sua situação social inteiramente modificada, já que no passado, como dito, seu valor dependia do valor de sua propriedade e as normas que presidiam a escolha de um cônjuge eram válidas para toda a comunidade. Mas a sociedade encontrada por Bourdieu estava atravessada por valores divergentes, pois, ao lado dos valores rurais antigos, surgiam aqueles típicos do mundo urbano (adotados, sobretudo, pelas mulheres), numa lógica que privilegiava progressivamente o ideal de sociabilidade citadino e reproduzia, no plano microsocial, o processo de dominação da cidade sobre o campo que Marx indicara como uma das mais importantes características do capitalismo.

O baile era, por isso também, a forma visível do novo sistema distintivo não mais baseado na oposição entre o filho primogênito e o filho cadete, de um lado, e o grande proprietário e o pequeno proprietário (ou o não proprietário), de outro, mas fundado agora na oposição entre aquele que ganhou as cidades e aquele que ficou relegado ao campo. Assim, com base nos mais variados documentos notariais (certidões de nascimento e de casamento, escritura de imóveis, licenciamento de carros), censos demográficos, arquivos de comitês de festas etc., toda a primeira parte do livro mostra como essa nova oposição entre a cidade e o campo se traduz antes de mais nada nas mudanças observadas em nível morfológico, embora nunca deixe de integrar a essa dimensão estrutural entrevistas etnográficas que evidenciam como a consolidação desse antagonismo foi sendo vivida

e progressivamente reconhecida pelos agentes. A compatibilização dessas duas vertentes que costumam ser adotadas de maneira unilateral permite que se conclua que do sistema antigo só resta ao camponês determinismos negativos. Os ideais urbanos invadiram seu domínio e as trocas matrimoniais entre camponeses e citadinos passam a configurar uma via de mão única, pois, enquanto os primeiros nem sonham em ir a um baile nas cidades vizinhas, os segundos vão frequentemente aos bailes no interior, nos quais o porte citadino lhes confere vantagens em relação aos camponeses. Ou seja, enquanto o citadino pode se casar com mulheres do campo e da cidade, o camponês fica restrito ao seu canto e tem hoje menos chances de se casar com uma moça de sua região do que antigamente.

Numa demonstração contundente de que a proximidade geográfica não coincide com a proximidade social, ou melhor, de que a distância social impõe limitações muito mais rigorosas do que a distância espacial, o tratamento estatístico da distribuição das diferentes categorias de casamentos de acordo com a distância do local de origem do cônjuge revela que os circuitos das trocas matrimoniais se desprenderam de sua base geográfica para se definir em função do fato de partilhar certas condições de existência e certo estilo de vida. Nessa perspectiva, vê-se que no passado a dispersão no espaço não era vivida como isolamento, em razão da forte densidade social ligada à intensidade da vida coletiva. Em contrapartida, com o desaparecimento das celebrações e trabalhos conjuntos, as famílias camponesas sentem concretamente seu afastamento. Em muitas dessas passagens, o leitor não terá dificuldade em notar o quanto a insistência no papel desempenhado pela vida coletiva e as análises em termos de probabilidade estatística inspiram-se muito visivelmente na análise durkheimiana do suicídio, seja quando isolam as variáveis que supõem correlacionadas ao celibato dos primogênitos (tamanho da propriedade, local de residência, posição de nascimento, sexo), adotando abertamente o vocabulário das “taxas” de nupcialidade e de celibato, seja nos procedimentos de prova.

Mas, se as estatísticas das chances diferenciais de casamento estabelecem uma correlação entre a vocação ao celibato e a residência nas aldeias, e se a abordagem histórica permite ver na reestruturação do sistema de trocas matrimoniais uma manifestação da transformação global da sociedade, por

quais mediações o fato de residir na cidade ou no campo atua sobre os casamentos? E, mais do que isso, como pode o peso do local de residência não se exercer igualmente sobre as mulheres e os homens?

No que diz respeito à primeira pergunta, vê-se que, numa situação em que a família não decide mais o casamento, a busca de parceiros fica restrita à iniciativa pessoal nas ocasiões em que ocorrem os bailes. Ocorre que nesses eventos as danças típicas da cidade substituem as antigas danças camponesas, fazendo desaparecer também os usos corporais conciliados com a civilização rural, num contexto em que as novas “técnicas do corpo” não são mais solidárias do repertório cultural camponês. Prenunciando seus muitos trabalhos posteriores (se não todos) sobre a gênese social da *hexis* corporal e os usos sociais do corpo – pense-se quer no embaraço pequeno-burguês com o próprio corpo discutido em *A Distinção* (1979), quer no “corpo (feminino) para o outro” descrito em *A Dominação Masculina* (1998) –, Bourdieu postula que é justamente na tomada de consciência de seu corpo que o homem rural toma pé da desvalorização da condição camponesa: ele age de modo desajeitado sempre que deve colocar seu corpo à mostra, sempre que o que está em jogo é o “decoro corporal externo”, essa forma de comportamento exterior que, como mostrou Elias, passa a manifestar o homem interior, “inteiro”, conforme se avança no processo civilizador.

No que tange à segunda pergunta, as mulheres são, para Bourdieu, mais propensas a adotar as aparências da civilidade cidadina, porque toda a sua formação cultural favorece a preocupação com os detalhes exteriores da pessoa, tornando-as mais sensíveis às maneiras, às roupas e aos juízos de gosto de modo geral. A moda vem de Paris, da cidade, o modelo se impõe “do alto”, e a aspiração feminina à vida cidadina não é desarrazoada, devido à própria lógica das trocas matrimoniais na qual elas tendem historicamente a circular “de baixo para cima”. E, enquanto todo o sistema cultural faz com que elas concentrem suas esperanças no casamento e detenham o monopólio das boas maneiras, esse tipo de comportamento é decididamente rejeitado pelos homens, por ser desencorajado pelas convenções sociais. Tal dualidade dos quadros de referência em consequência da penetração diferencial, segundo os sexos, dos modelos culturais urbanos leva a que as mulheres avaliem seus companheiros camponeses segundo critérios externos, cidadinos,

num cenário em que as reivindicações de poder social passam a estar ligadas ao pertencimento a um mundo mais civilizado, mais polido e mais cultivado. Na cidade, por meio de revistas femininas, rádio e folhetins, as moças se afeiçoam a um novo modelo de relações entre os sexos e também a um tipo de homem ideal em tudo oposto ao camponês. E a atração de novos produtos, novas técnicas de conforto e ideais de cortesia urbanos deve-se em grande parte ao fato de que aí se reconhece a marca da civilização urbana, que por sua vez é identificada à própria “civilização”.

Mas o exame da adesão sexualmente diferenciada aos ideais urbanos dominantes está longe de ser, neste livro, a única evidência a contestar o suposto de que para Bourdieu as assimetrias de gênero sempre permaneceram secundárias, repetido à exaustão pelos críticos de sua obra, sobretudo no mundo anglo-saxão². Se, pela mediação do dote, pedra angular do sistema antigo, os casamentos entre famílias muito desiguais tendiam a ser barrados, a primazia que o grupo atribui aos membros masculinos e, entre estes, aos filhos primogênitos (retradução do primado absoluto conferido à continuidade da linhagem e à manutenção da integridade do patrimônio) terminava por impor uma homogamia tão estrita que impedia inclusive os homens (e somente os homens) de se casarem “para cima”, posto que isso ameaçaria sua autoridade política na estrutura das relações de poder doméstico. Desse modo, embora os casamentos tendessem a se fazer entre famílias que ocupavam posição econômica semelhante, a lógica das trocas matrimoniais não é a mesma para os dois sexos e possui uma autonomia relativa, na medida em que também se guia por princípios honoríficos alheios à ordem da economia.

Essa multidimensionalidade das restrições que pesam sobre cada transação matrimonial – com todas as combinações que dela decorrem – leva a que o autor deixe de ver o casamento como execução de normas explícitas ou expressas. Ou seja, a constatação de que as práticas por meio das quais os camponeses bearneses asseguravam a reprodução da linhagem apresentavam regularidades evidentes não autoriza a ver nelas o produto de uma

2. Conferir, por exemplo, os capítulos reunidos em M. Lamont & M. Fournier (orgs.), *Cultivating Differences: Symbolic Boundaries and the Making of Inequality*, Chicago, The University of Chicago Press, 1992.

obediência cega a regras. Em vista disso, a segunda parte do livro é inteiramente voltada à crítica do que Bourdieu considera que sejam as taxonomias reificadas do “juridismo dos etnólogos” alheio à realidade das práticas. Como mostram diversos casos discutidos no livro, as regras sucessórias nunca se aplicavam com rigor matemático, dado que o chefe da família sempre podia sacrificar as prescrições objetivamente inscritas na árvore genealógica quando houvesse uma vantagem considerável do ponto de vista dos interesses do grupo (como quando se casavam dois vizinhos, independentemente da posição de nascimento, para reunir duas propriedades).

Desse modo, ao retornar três vezes às pesquisas sucessivas realizadas no Béarn, Bourdieu prolonga e aprimora a conhecida discussão, que ocupa o proscênio de *O Senso Prático* (1980), das estratégias matrimoniais por detrás das regras de parentesco, uma vez que a cada volta crítica sobre seu primeiro objeto de pesquisa, às vezes num espaço de tempo de mais de dez anos, pôde defrontar-se com tantos outros indícios de que só o parentesco não bastava para dar conta das práticas que uniam e dividiam os grupos. Atento aos fundamentos econômicos, políticos e reputacionais das trocas matrimoniais, o autor inventaria toda uma gama de estratégias à qual os agentes recorrem para assegurar a manutenção do patrimônio econômico e simbólico da família, o que o faz concluir que as relações entre parentes também são relações de interesse, pois, se a uma mesma distância genealógica se é mais ou menos parente de um membro da parentela, não é possível ignorar as relações de força entre segmentos equivalentes genealógicamente.

Mas dizer que existe uma dimensão política e econômica nisso que chamamos de parentesco e que, em razão disso, o ritual do casamento não pode ser concebido apenas como um ato simbólico que adquire sentido devido à sua diferença num sistema de diferenças não é o mesmo que fazer da ordem simbólica um epifenômeno da ordem econômica. Se, como é sabido, as dimensões extraeconômicas do poder e da dominação constituem outro ponto de honra weberiano ao qual a obra de Bourdieu se volta incessantemente, em *O Baile dos Celibatários* a autonomia relativa da lógica das representações aparece de modo particularmente contundente na terceira e última parte, dedicada à dimensão simbólica da dominação econômica. É nesse ponto do trabalho que o autor demonstra que a unificação do campo social

– da qual a unificação do mercado matrimonial é um aspecto crucial – em torno das realidades urbanas triunfantes só se realiza objetivamente (ampliação dos deslocamentos pela melhoria dos meios de transporte, generalização do ensino secundário etc.) por se realizar também nas representações, por meio da subjetividade dos agentes que concedem um reconhecimento a um só tempo extorquido e consentido aos processos orientados à sua própria submissão. Nessa perspectiva, há uma incapacidade de revide parcialmente ligada a uma certa dose de assentimento em relação à desvalorização de que são vítimas: apesar de minoritários, os citadinos sempre monopolizam os cargos políticos mais importantes, e se os camponeses, mesmo sendo majoritários, não elegem um dos seus é porque o juízo do camponês sobre ele mesmo não é menos ambivalente do que o julgamento que ele faz do citadino. Assim é que todo o grupo acaba sendo cúmplice da dominação simbólica de que é vítima também quando permite, por exemplo, que suas filhas se casem com citadinos, quando todos os camponeses, quando conseguem se casar, casam-se invariavelmente com filhas de camponeses.

As vantagens associadas ao modo de existência urbano agem, portanto, por terem se tornado vantagens percebidas e apreciadas. E, nesse processo de mudança, é mais fácil inverter a tábua de valores quando se está numa situação menos favorecida, como era o caso das mulheres, dos filhos cadetes e dos pobres. Já os que ocupavam as posições mais elevadas num mundo de repente relegado, por não terem operado a tempo as reconversões necessárias, acabaram por pagar o preço da revolução simbólica que atinge a ordem antiga num ponto tão estratégico à reprodução da mão de obra agrícola quanto o mercado matrimonial, ocasião particularmente dramática para os camponeses descobrirem a ruína do valor social a eles atribuído. Por fim, a submissão à escola “integradora”, inerente ao processo de unificação estatal, acelerará o desprezo pelos valores camponeses – como prova o fato de que, entre os informantes da pesquisa, os que possuem os mais altos diplomas outorgados pelo sistema de ensino republicano são os que se exprimem exclusivamente em francês e nunca em bearnês – e inculcará a legitimidade da cultura urbana, cumprindo assim a função de principal instrumento da dominação simbólica do mundo citadino. Como o autor mostraria em *Os Herdeiros* (1964) e *A Reprodução* (1970), a escola tende a constituir como

excelentes as qualidades dos que são socialmente dominantes e, não à toa, figura, no livro em pauta, como elemento-chave das mudanças decorrentes da unificação dos mercados econômico e simbólico, todas elas fatais para a reprodução social do camponês, de suas maneiras e de seus objetos, que passam à condição de artefatos de museus simultaneamente à sua retirada da ação histórica. Nesse contexto, a preferência que as mulheres manifestam pelos homens da cidade só faz reproduzir, no âmbito afetivo, os novos princípios de hierarquização social, nos quais os produtos da educação camponesa e, particularmente, as “maneiras” de os camponeses se comportarem com as mulheres não têm senão um preço muito baixo.

Em vista dessa constatação pungente da derrocada simbólica da terra natal, compreende-se que o autor faça questão de evocar o “clima emocional em que se desenvolveu a investigação”, as “entrevistas com frequência muito tristes” e o sentimento de estar “cometendo algo como uma traição”, sobretudo quando se sabe que os velhos celibatários entrevistados pertenciam à geração de seu pai – que o acompanhava na coleta desses depoimentos – e à sua própria; e também quando se toma ciência de que um desses informantes era um velho amigo de escola de quem ele gostava muito e que, “tendo se recolhido com sua mãe numa casa muito bem cuidada, havia inscrito na porta do seu estábulo as datas de nascimento das bezerras e os nomes de moças que lhes havia dado”.

Compreende-se ainda, por essas ou outras passagens, que, com a publicação de *O Baile dos Celibatários* em formato de livro – o que o autor se recusou a fazer até sua morte, para proteger esses estudos de seu mundo de origem de leituras malevolentes –, Bourdieu tenha prolongado e concluído um longo ciclo iniciado em várias obras anteriores, marcadas por maior reflexividade, isto é, por sistemática volta crítica aos pressupostos e aos condicionantes de desenvolvimento do trabalho intelectual. Neste livro póstumo permeado pela evocação de momentos de sua formação e, também, do estado do campo intelectual no qual e, principalmente, contra o qual ele se fez, o autor pontua o “esforço de reflexividade que o inspira do começo ao fim”, remetendo-nos muito diretamente aos trabalhos em que logrou submeter ao crivo da objetivação dessacralizante o próprio mundo do qual era a um só tempo analista e parte interessada.

Para aqueles que achavam que com *Homo academicus* (1984) e *Meditações Pascalianas* (1997) ele já havia feito o bastante para que a objetivação científica do sujeito da objetivação se tornasse um itinerário obrigatório a todos os cientistas sociais, pode-se acrescentar que *O Baile dos Celibatários* constitui possivelmente o duplo de *Esboço de Autoanálise* (2002). Se este foi sem dúvida o fecho mais coerente que se poderia esperar de um autor que tanto criticou o fato de muitos intelectuais interrogarem o mundo e poucos intelectuais interrogarem o mundo intelectual, aquele que foi seu primeiro objeto de investimento científico e eterno ponto de retorno coloca-nos uma vez mais diante de uma investigação cujo objeto de estudo é, ao menos indiretamente, o próprio pesquisador, que, reapropriando-se intelectual e afetivamente “da parte certamente mais obscura e arcaica de si mesmo”, pôde pôr novamente à prova o postulado de que, quando se trata de pesquisa em ciências humanas, os progressos no conhecimento do objeto são inseparáveis dos progressos no conhecimento do sujeito que produz o conhecimento.